



A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO HUMANA E DE INCLUSÃO SOCIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL.

Anelita Maluf Caetano Silva¹
Elizabeth Gottschalg Raimann²

¹Universidade Federal de Jataí/ anelitamaluf@gmail.com
²Universidade Federal de Jataí/elizabethraimann@gmail.com

Resumo:

O artigo tem por objetivo problematizar, a partir de pesquisa bibliográfica, a arte como possibilidade de formação humana e de inclusão social no contexto educacional atual. As políticas educacionais têm servido aos interesses neoliberais, que fortalecem a ideia de uma escola eficiente e eficaz, atendendo com competência as novas exigências do mercado de trabalho. Neste cenário, a escola, espaço que deveria ser uma instituição social para assegurar os direitos e saberes de uma sociedade, passa a ser um espaço marcado pela desigualdade social. A arte na educação é um vasto campo do saber e que pode influenciar na invenção, inovação, tecnologia e novas ideias, possibilita o acesso à cultura, daqueles excluídos socialmente e economicamente. Por outro lado, os limites dessas possibilidades da escola pública para a formação humana, tendo na arte um elemento de inclusão, estão justamente nas próprias políticas educacionais que impõem matrizes de habilidades e competências reforçando o ideário tecnicista, a formação de mão de obra para atender as demandas da sociedade cada vez mais tecnológica e excludente.

Palavras-chave: Educação. Arte. Formação humana.

Introdução

Nos discursos sobre educação é presente abordagem de emancipação do sujeito, a formação de um cidadão crítico e autônomo. Entretanto, nem sempre o real significado é apreendido ou almejado.

Visto que as políticas educacionais, com a implantação do capitalismo, configuraram-se ao atendimento aos interesses de uma minoria detentora do poder econômico, influenciando diretamente a vida social, ampliando a assim, a desigualdade social e educacional. Como se não bastasse, o Estado com o discurso em diminuir as desigualdades, insere no sistema educacional, a capacitação para o mercado de trabalho, ou seja, garantir emprego por meio da educação.

Assim, as mudanças interferem diretamente no sistema educacional, exigindo cada vez mais ajustes por meio das políticas públicas para atender as exigências do capital, influenciando diretamente a vida social, ampliando a assim, a desigualdade social, cultural

e educacional.

Desta forma, podemos observar de forma explícita as consequências do neoliberalismo, ampliando seus espaços de atuação, visto que, a globalização provocou mudanças de comportamento do Estado no que refere às políticas públicas educacionais, objetivando atender os interesses das organizações multilaterais.

Sabemos que a educação escolar hoje representa um grande desafio, porque a forma como são organizadas e pensadas as políticas educacionais não tem garantido de fato a inclusão dos alunos, principalmente os da classe trabalhadora. A desigualdade é nítida no desempenho dos alunos e na ascensão social desses alunos após passarem pela escola.

Assim, o interesse em desenvolver a pesquisa A arte como possibilidade de formação humana e de inclusão social no contexto educacional justificou-se pela necessidade em compreendermos por que ainda é difícil reconhecer a importância do ensino de arte e ainda investigar a formação do professor que trabalha na disciplina de arte em escolas públicas na cidade de Jataí-GO.

Segundo Saviani (2018, p.25),

do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade por meio da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais.

A tese é a de que as políticas educacionais, regidas pelos ditames neoliberais, configuraram-se para o atendimento dos interesses de uma minoria detentora do poder econômico e, nesse sentido, influenciam diretamente a vida social, ampliando assim as desigualdades, tanto social quanto educacional. Por outro lado, não podemos deixar de lembrar que nessa mesma sociedade capitalista há um outro projeto de educação que disputa, aquele que objetiva a formação humana e não apenas para o mercado de trabalho.

Neste contexto, a escola apresenta a sua contradição, tanto pode ser um espaço de formação do cidadão como pode ser de reprodução da sociedade vigente. Partindo do pressuposto da formação humana cidadã, a arte e o ensino de arte no espaço educacional pode ser um campo de possibilidades, pois de acordo com Barbosa (2001, p.2),

a arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador.

Estarão estes senhores e senhoras interessados em inovar suas instituições? Estarão interessados em educar o povo? Poucos governantes o estão. Em geral a ideia é que povo educado atrapalha porque aprende a pensar, a analisar, a julgar. Fica mais difícil manipular um povo pensante.

Ana Mae Barbosa, pesquisadora e professora titular aposentada da Universidade de São Paulo (USP), atuando no Doutorado em Ensino e Aprendizagem de Arte, enxergou nas artes a oportunidade de aprender e educar, pois segundo autora a Arte contribui no desenvolvimento de outras áreas do conhecimento, como capacidade de interpretação, criatividade, inteligência racional, habilidades motoras, e ainda aspectos afetivos e emocionais.

Assim, pensar a arte como possibilidade de formação humana e de inclusão social no contexto educacional, justifica-se ser pertinente analisar e compreender por meio de pesquisa bibliográfica o ensino da arte na escola pública, como oportunidade de inclusão social.

A arte no contexto educacional

Ao longo do processo histórico da arte na escola, observamos que este ensino já foi considerado como técnica, atividade educativa, matéria, disciplina, contudo o seu distanciamento entre teoria e prática, legislação e efetivação, valorização e desvalorização por muitos que compõem os interlocutores da educação escolar, ainda visto como um ofício da classe burguesa, excluindo grande parte dos alunos da escola pública da possibilidade ser sujeito de sua história, através da produção artística, seja por meio do desenho, pintura, música, teatro, literatura, e demais possibilidade de expressão e comunicação.

Conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9.394/96 que estabelece no Artigo 26 § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos, entretanto, mesmo com os avanços em relação às propostas deste ensino, ainda é possível percebermos, professor atuado com a disciplina de arte sem formação adequada, e ou, com formação acadêmica fora da área do ensino de arte.

Nesta temática educação, ensino de arte e formação de professor que atua com a disciplina arte, não pode deixar de contemplar a necessidade em apresentar no desenrolar das atividades como o professor pode aprimorar sua atuação. Para Ferraz e Fusari (2010, p. 52)

ao mesmo tempo, é preciso desmistificar a ideia de que é impossível atualizar-se porque certas localidades se apresentam com poucos meios culturais ou estão desprovidas de aparatos tecnológicos. Uma das principais indicações para esse aprimoramento é a atualização de leituras. Os acervos de bibliotecas regionais e das universidades contam com publicações de textos e periódicos de arte e ensino. Tais publicações podem orientar o aprofundamento na área.

Neste contexto, pensando na escola pública, entendemos que a educação escolar hoje representa um grande desafio, porque a forma como são organizadas e pensadas as políticas educacionais não tem garantido de fato a inclusão dos alunos, principalmente os da classe trabalhadora. A desigualdade é nítida no desempenho dos alunos, e na ascensão social e cultural após passarem pela escola.

Tais políticas à medida que são propostas e efetivadas distanciam ainda mais a escola de suas reais funções, que é a da promoção humana na construção do conhecimento.

Saviani (2008, p. 22) apresenta que,

a compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não-material, cujo produto não se separa do ato de produção, permite-nos situar a especificidade de educação como referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sobre o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens.

Assim, o autor nos apresenta as especificidades da educação, a singularidade individual. A escola deveria ser o resultado de um conjunto de experiências acumuladas, do trabalho de muitas pessoas, espaço este de interação social, cultural e econômica.

Para Vigotski (2014, p. 3) “é justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente.”

Dessa forma, o ambiente educacional pode transformar-se em rico espaço de ação artístico-cultural, democratizando a arte e a cultura, pois acreditamos que a escola seja uma das instituições sociais mais importantes, visto que é na escola que a criança dará continuidade ao seu desenvolvimento e aprendizagem.

Formação pedagógica para o ensino da arte

As artes estão presentes no nosso dia a dia, pois uma obra de arte não é apenas objeto de apreciação estética, mas também é fruto de uma experiência de vida desvelada pelo

processo de criação do artista, que utiliza sua imaginação e criatividade para inventar e expressar sentimentos, manifestando através de diferentes formas de entender a vida, tais como: o sentir, o fazer, o tocar, tudo se transformando em arte.

A saber, Ana Mae Barbosa desenvolveu um método de ensinar por meio da arte, conhecido como Abordagem Triangular, que se sustenta em três pilares: conhecer a história, o próprio fazer artístico, e saber apreciar uma obra de arte. Sua potência está na relação entre a tríade que permite reordenação da prática docente.

Segundo a autora, “[...] trata-se de uma abordagem flexível. Exige mudanças frente ao contexto e enfatiza o contexto” (Barbosa, 2010: 10).

Assim, de acordo com Ferraz e Fusari (2010, p. 22),

para compreendermos e assumirmos melhor as nossas responsabilidades como professores de Arte é importante saber como a arte vem sendo ensinada, suas relações com a educação escolar e com o processo histórico-social. A partir dessas noções poderemos nos reconhecer na construção histórica, esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir essa nossa história.

Desse modo, é importante compreender como tem sido desenvolvido o ensino da arte e sua relação com o processo histórico-social, e ainda cultural nos espaços escolares. Já que, Ana Mae fala sobre a falta de conhecimento teórico acadêmico dos professores e do perigo da utilização de posturas pedagógicas rígidas ou livres demais, sem nenhum embasamento teórico suficiente para sua práxis.

Dado que, o professor com formação pedagógica para o ensino da arte, formação pessoal com vivências em arte e cultura, possivelmente será capaz em desenvolver a capacidade criadora dos alunos através da arte na escola pública.

E ainda, as proposições sobre como se deve ensinar arte na contemporaneidade, o quê e o porquê se devem ensinar, torna-se completamente arcaico se o professor não estiver preparado ou formado para o desempenho dessas funções.

Concordamos com as autoras, Barbosa (2010) e Ferraz e Fussari (2010), em que o sucesso do processo transformador no ensino da arte depende de um professor cuja prática teórica do saber e do fazer artístico deve estar conectada a uma concepção de arte e propostas metodológicas que sejam consistentes e coerentes com o que se pretende formar. O professor de Arte precisa ser um facilitador na construção do conhecimento como bem cultural, pois

aprender Arte implica desafios para quem aprende e para quem ensina.

Segundo Barbosa (2008, p. 99), —a meta desse ensino é desenvolver nos jovens a disposição de apreciar a excelência nas artes em função da experiência maior que a Arte é capaz de proporcionar.

Portanto, o objetivo do ensino da Arte é propiciar a capacidade de criação e produção bem como e o aprendizado estético, nas linguagens artísticas definidas nas Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Parte-se do princípio de que, na contemporaneidade, a comunicação e expressão são essenciais, pois o aluno, por meio delas, expande seu conhecimento, desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação.

Entretanto, é fundamental que o professor de arte, enquanto facilitador do processo de apreender introduza o aluno no ato de querer dar significação às imagens que fazem parte do seu mundo, podendo desta forma, comentar, argumentar e participar de maneira crítica frente às manifestações artísticas.

E ainda, no interior dos espaços da escola, mais precisamente no “chão da escola”, como as paredes, portas, janelas, muros, corredores, e ainda, nos espaços externos como jardins, poderão ser utilizados como suporte de produção artística e cultural, não apenas para mostra dos trabalhos, mas também para a utilização no desenvolvimento das ações.

Neste contexto, os espaços educacionais podem contribuir com o desenvolvimento cognitivo, social, psicomotor e afetivo, portanto, desenvolver ações de intervenção da arte na escola pública, visto que, o ensino da arte proporciona ao aluno a descoberta do ato criativo, aguça sua imaginação e a possibilidade de expressar pensamentos e sentimentos através de manifestações artísticas, que envolve, não apenas as artes visuais, mas sua produção textual através de atividades de leitura e escrita, sua comunicação oral.

Além disso, a “A Abordagem Triangular”, proposta por Ana Mae Barbosa (2010) admite que, para o ensino das Artes Visuais, você tem que fazer, ler a obra de arte ou a imagem, interpretar criticamente até, e contextualizar o que você faz e o que você vê, desta forma essa contextualização é uma porta aberta para a atuação de outras disciplinas.

Como promover cinema como Arte na escola, atividades de fotografia documental trabalhando a perspectiva do olhar crítico e criativo frente às questões de cunho ambiental, social e cultural, produções de vídeos envolvendo tecnologia e arte digital.

Visto que, de acordo com Barbosa (1998, p. 38), —qualquer conteúdo, de qualquer natureza visual e estética, pode ser explorado, interpretado e operacionalizado por meio da

—Abordagem Triangular, essa proposta, tem características construtivista, interacionista, dialogal e multiculturalista, e ainda articula Arte como expressão e cultura na sala de aula.

Portanto, a Arte como possibilidade de formação humana e de inclusão social no contexto educacional, em sua prática, nos espaços escolares, mais especificamente na escola pública, envolve o exercício cultural de ver, interpretar, fazer e apreciar, representando o que vive e sente com originalidade e liberdade, pois a arte não possui uma única definição, mas podemos defini-la como uma forma de expressão e comunicação do homem, como patrimônio comum a ser apropriada por todos, dando oportunidade a uma parcela da sociedade carente a atividades artísticas e culturais.

Desigualdade social e dificuldade de acesso à arte nos espaços escolares.

A desigualdade social é consequência de uma sociedade capitalista, de políticas públicas voltadas aos interesses de uma minoria detentora do poder econômico. Desta forma, as políticas públicas educacionais são pensadas e efetivadas de acordo com as políticas neoliberais comprometida com o lucro e não com a formação dos alunos ao passarem pela escola.

Neste cenário, Libâneo (2017, p. 17) afirma,

uma coisa é certa: as escolas estão aí, é nela que estão matriculados os filhos das camadas médias e pobres da população, e é questão de justiça que elas atendam, do melhor modo possível, aos direitos de todos a uma educação de boa qualidade, apta a preparar os alunos para a empregabilidade, para participar da vida política e cultural, para desenvolver capacidade reflexiva para atuar e transformar a realidade social.

Portanto a escola que deveria ser uma instituição social para assegurar os direitos e saberes de “uma sociedade” passa a ser um espaço que amplia as desigualdades educacionais, e conseqüentemente as desigualdades sociais, pois conforme Arroyo (2010) o problema está nos desiguais, ou seja, a forma como são vistos os “diferentes” dentro de nossa sociedade o que está arraigada na cultura da política brasileira, uma vez que a desigualdade social é elemento presente no cotidiano da sociedade brasileira.

Dialogando com Saviani (2013) do ponto de vista da educação para contribuir na promoção e formação do homem, significa torná-lo cada vez mais capaz de conhecer para intervir, ampliando sua capacidade de comunicação, liberdade e colaboração entre os homens.

Desse modo, é importante compreender como tem sido desenvolvido o ensino da arte

e sua relação com o processo histórico-social, e ainda cultural nos espaços escolares.

Conforme destaca Feldmann (2009, p.71),

a tarefa da escola é trabalhar com as relações interpessoais, pedagógicas e institucionais. Na escola há o existir, a existência humana. Não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos na prática social da qual a escola faz parte, humanizando-nos uns aos outros. Esse processo histórico e social chama-se educação, corporificada na relação entre teoria e prática. Nesta perspectiva, formação continuada de professores, articulada aos fazeres na e da escola, além de uma formação compartilhada, é também uma autoformação, uma vez que os professores reelaboram os seus saberes em experiências cotidianamente vivenciadas.

Uma vez que, o professor com formação pedagógica para o ensino da arte, formação pessoal com vivências em arte e cultura, ainda, possivelmente será capaz em desenvolver a capacidade criadora dos alunos através da arte na escola pública.

Entretanto, para Barbosa (2010, p. 249), o ensino de arte, apesar da conquista de sua inserção como disciplina obrigatória no currículo escolar, não garante sua qualidade, uma vez que os professores, em sua maioria, não tiveram acesso a essa área de conhecimento durante toda a sua formação escolar.

De acordo com Barbosa (2010), a dificuldade de acesso à arte nos espaços escolares, perpassa pela formação do professor que atua com a Arte. Sendo assim, neste cenário, cabe ao professor de qualquer outra área do conhecimento desenvolver o ensino da arte nas escolas.

Segundo Barbosa (2010), a arte da forma como ela é desenvolvida na *práxis* contribui no desenvolvimento de outras áreas do conhecimento, tendo com estruturante a proposta triangular a contextualização, a apreciação e a produção. Ou seja, na busca de um conhecimento crítico tanto por parte do aluno, mas também do professor.

Feldmann (2009), por sua vez, apresenta pesquisas e estudos em relação à formação de professores e sua prática na escola brasileira, articulando experiências e saberes, conhecimento teórico na busca em apreender o fenômeno educativo.

Ferraz e Fussari (2010, p. 68) nos dizem que,

as produções artísticas presentes nas culturas das diversas sociedades humanas fazem parte direta e indiretamente da vida dos estudantes. Por isso, os aspectos artísticos e estéticos dessas culturas, em sua gama de elaborações históricas e contemporâneas, deverão mobilizar as escolas dos conteúdos escolares de arte.

Portanto, através dos saberes e fazeres que fazem parte da cultura do estudante, a

escola poderá potencializar o fazer artístico, apreciação estética, a sensibilidade, a curiosidade, debate de ideias, de se colocar no lugar do outro, imaginar, produzir, nem sempre por palavras conseguimos expressar o que sentimos ou o que precisamos.

Ainda segundo Barbosa (2001, p. 5),

não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento das suas formas artísticas. Não é possível uma educação intelectual, forma ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracteriza a arte.

Compreende-se que as melhores práticas são aquelas que promovem a construção do saber, conduzem ao processo de pesquisa e a criatividade, respeitando as diferenças culturais, já que cada aluno carrega sua história cultural e social.

O contato com os bens culturais permite acesso a uma cultura coletiva, e se constitui em um processo dinâmico, pois acaba por potencializar a reflexão crítica e em fazeres diversos que se apresenta no convívio.

Segundo Vigotski (2014, p. 2),

no entanto, a imaginação como fundamento de toda a atividade criadora manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e tecnológica. Nesse sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o universo cultural, ao contrário do universo natural, é produto da imaginação e criação humana.

Assim, influências culturais são fatores de aprendizagem em arte, portanto, a relação entre cultura e aprendizagem ocorre nesse processo de interação com o outro.

Por sua vez, Freire (2013, p.31), argumenta:

por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela- saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Portanto ao desenvolver a percepção e imaginação do educando, por meio da arte, muito provavelmente a educação, servirá para efetivar o acesso à arte e à cultura, daqueles excluídos socialmente e economicamente.

É necessário, portanto, que a escola oportunize atividades considerando o contexto

social e cultural, já que, a arte pode ser o caminho para a formação humana, para o fazer e o fruir conforme o apresenta Barbosa (2001) evidenciado o desafio do professor que atua com Arte em compreender que propiciar no espaço educacional a apropriação do fazer artístico enquanto ser humano promotor de cultura, construtor de histórias.

De acordo com Barbosa (2001, p.5), “sabemos que arte não é apenas socialmente desejável, mas socialmente necessária”. Visto que, as vertiginosas evoluções socioculturais e tecnológicas do mundo atual geram incessantes mudanças nas organizações e no pensamento humano e revelam um novo universo no cotidiano das pessoas, exigindo criatividade e inovação na construção do conhecimento.

A partir de experiências compartilhadas entre os colegas, os alunos poderão adquirir novos conhecimentos e ainda ter acesso a diversas culturas, o que poderá contribuir para o aperfeiçoamento de sua linguagem, gerando novas possibilidades de aceitação frente aos desafios.

Defendendo que a arte possa contribuir para uma formação de um aluno livre e autônomo, com capacidade criadora e criticidade, compreendemos que ela possa também minimizar a exclusão social e cultural, na concretização de uma escola pública na contramão das influências de interesses neoliberais. Por certo a arte é um poderoso instrumento de intervenção social que pode mudar vidas de crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco, pode transportá-las para um futuro seguro e de esperança, e romper com os limites da exclusão educacional, social e cultural.

Por outro lado, os limites dessas possibilidades da escola pública para a formação humana, tendo na arte um elemento de inclusão, estão justamente nas próprias políticas educacionais que impõem matrizes de habilidades e competências reforçando o ideário tecnicista, a formação de mão de obra para atender as demandas da sociedade cada vez mais tecnológica e excludente.

Considerações finais

Objetivamos aqui problematizar a arte como possibilidade de formação humana e inclusão social no contexto educacional. Defendemos que o ensino da arte na escola pública é a oportunidade de aprender e educar, contribuindo assim no desenvolvimento de outras áreas do conhecimento, como capacidade de interpretação, criatividade, inteligência racional, habilidades motoras, e ainda aspectos afetivos e emocionais. Para isso é importante uma

formação pedagógica para o ensino da arte, formação pessoal com vivências em arte e cultura, possibilitando desenvolver a capacidade criadora dos alunos através da arte na escola pública.

A arte é um poderoso instrumento de intervenção social que pode mudar vidas de crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco, pode transportá-las para um futuro seguro e de esperança, e romper com os limites da exclusão educacional, social e cultural.

No entanto, a escola pública tem seus limites e precisamos vê-la como um espaço de contradição. Isso significa compreender que a formação humana para a cidadania não se dará de forma tranqüila, sem lutas e embates, incluindo aí o ensino não apenas de arte, mas conhecimentos científicos. As políticas educacionais, ancoradas nos princípios neoliberais, tem buscado implementar uma base curricular nos pressupostos das habilidades e competências abarcando não apenas a formação de alunos, mas incluindo a formação de professores. Nesse sentido, tem-se aí uma educação tecnicista ao invés de uma formação humana cidadã.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1075- 1432, 2010. <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/17>

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). **Abordagem triangular no ensino das artes visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, v. 134, n. 248, p. 27.833-42, dez. 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 24 de julho de 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 24 de julho de 2019

FELDMANN, Marina Gaziela. **Formação de Professores e Escola na**

Contemporaneidade. São Paulo: Editora Senac, 2009.

FEIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FUSARI, Maria F. de R, FERRAZ; Maria H. C. de T. **Arte na educação escolar.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Formação Continuada. In: **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática.** 6ª ed. rev. ampl. São Paulo: Heccus Editora, 2017, p.185-193

SAVIANI, Dermeval. **Educação do senso comum à consciência filosófica.** 19ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. 10ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.